

INTERTEXTUALIDADE E PODER NA POESIA DE CHRISTINA ROSSETTI *

A frequente alusão de Christina Rossetti aos românticos pode ser vista como uma forma de a autora questionar os valores políticos e espirituais, bem como e sobretudo o processo de secularização progressiva da sociedade do seu tempo. Ecos temáticos, estilísticos e diversas ressonâncias estruturais de Blake, Coleridge, Wordsworth e Keats abundam na poesia de Christina Rossetti — desta forma, retomando uma diversidade de estilos e *topoi* românticos a autora problematiza, por renúncia ou subversão, muitos dos valores da cultura vitoriana. Assim, a idealização keatsiana do amor, por exemplo, é frequentemente evocada pela autora sob a forma de complexas e conflituosas respostas: trata-se de assimilações estilísticas e de uma certa parodização fixada num temário que circula quase obsessivamente em torno da ilusão, transitoriedade e incapacidade, bem como numa antecipação constante da morte. Através da apropriação linguística e estrutural, a poesia romântica revive agora em imagens de traição, fracasso, inadequação e desencanto como forma de erguer a voz de um contrapoder a um mundo que lhe era hostil.

A 12 de Novembro de 1848, Christina Rossetti escreve um poema que permaneceu por publicar durante 142 anos e que funciona como uma paródia a «A Cradle Song» de *Songs of Innocence* de William Blake. Dois versos do poema de Blake são citados: «Sleep, sleep, happy child/All creation slept and smiled».

A inocência da criança é cantada por Blake em imagens que prefiguram o tipo de Cristo. A referência Blakeana ao nascimento de Cristo

* Este texto constituiu uma comunicação apresentada no XVII Encontro da APEAA (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos) que decorreu na Universidade de Aveiro de 14 a 16 de Março de 1996.

surge, na historicidade do poema, como resposta-solução à guerra e à convulsão social e política que rodearam a sua elaboração. Nos braços da mãe, a criança transmite a imagem de confiança na promessa de paz para o futuro da humanidade.

Pelo contrário, no poema de C. Rossetti, a criança está morta. Como vulgarmente acontece na poesia da autora, o sono traduz a imagem pacificadora da morte: 'another Advent dawn' remete então o quadro para um tempo suspenso da história política da humanidade onde a referência cristã se perde num sono neutralizador:

There is no more aching now
In thy heart or in thy brow.
The red blood upon thy breast
Cannor scare away thy rest.
.....
Sleep, sleep; what quietness
After the world's noise is this!
.....
Sleep on until the morn
Of another Advent dawn ¹.

Nos poemas de *Sing-Song* (1872) abundam imagens eco de *Songs of Innocence* (crianças e mães, pastores, cordeiros, rosas e espinhos). Assim, «Rejoice with Me», por exemplo, problematiza abertamente «The Lamb», um poema onde Blake celebra a própria criação. A anáfora de Blake é retomada em «Rejoice with Me» de uma forma emocionalmente mais intensa, reinscrevendo a inocência num contexto misto de culpa e gratidão existencial:

Little Lamb, who lost thee? —
I myself, none other. —
Little Lamb, who found thee? —
Jesus, Shepherd, Brother.
Ah, Lord, what I cost Thee!

¹ ROSSETTI, Christina — *The Complete Poems of Christina Rossetti*, ed. R. W. Crump, Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1979, 3, 165. Todas as citações dos poemas da autora são retiradas desta edição e passarão apenas a ser referenciadas como Rossetti, 3, 165.

Canst Thou still desire? —
Still Mine arms surround thee,
Still I lift thee higher,
Drae thee nigher².

Enquanto a canção de Blake anula a consciência humana de culpa perante uma condição de queda, o poema de C. Rossetti projecta-se precisamente nessa condição, assumida e quase confessada («Still Mine.../Still I lift»). Em *Sing-Song*, C. Rossetti retoma pois frequentemente a simplicidade e linearidade métricas e algumas das técnicas prosódicas de *Songs of Innocence*, conduzindo no entanto a complexa imagética blakeana ao campo de referências de um presente desajustado e hostil. Veja-se para tal a apropriação do símbolo da rosa («The Sick Rose», «My Pretty Rose Tree», por ex):

I have but one rose in the world,
And my one rose stands a-drooping:
Oh when my single rose is dead
There'll be but thorns for stooping³.

As afinidades poéticas entre C. Rossetti e os românticos são no entanto bem mais profundas e complexas do que ecos temáticos, estruturais e situacionais. Entre a autora e Coleridge, por exemplo, releva uma partilha ideológica e estética que permite estabelecer conexões entre «The Rime of the Ancient Mariner» e «Sleep at Sea» por exemplo, ou entre o eu infinito de Coleridge («Infinite I am») e algumas reflexões de C. Rossetti em «Seek and Find» ou «Consider the Lilies of the Field». Mais uma vez em C. Rossetti a voz romântica serve para acentuar o sentido do desajuste e a hostilidade para com o contexto contemporâneo, instituindo no poema jogos de poder entre forças opostas. Assim, enquanto o 'Mariner' de Coleridge regressa ao mundo, os marinheiros de C. Rossetti repudiam-no refugiando-se num sono de morte: 'sleep to death in dreaming/Of length of days'.

Também a idealização suprema de Coleridge presente no conceito da infinitude do Eu ('a repetition in the finite mind of the eternal act of

² ROSSETTI — 2, 196-7.

³ ROSSETTI — 2, 39.

creation in the infinite I AM') revive na convicção Rossettiana de que todos os objectos do mundo natural escondem uma natureza infinita:

All the world over, visible things typify things
invisible...Common things continually at hand,
wind or winffall or buddinf bough, acquire a sacred
association, and cross our path under aspects at once
familiar and transfigured, and preach to our spirits
while they serve our bodies ⁴.

Para além disso, «The Tread of Life»,por exemplo, poderia surgir como resposta às questões fundamentais de 'Intimations ode' de W. Wordsworth e de 'Dejection an Ode' de Coleridge. A situação o sujeito do poema de C. Rossetti relembra pois a afirmação wordsworthiana das primeiras quatro estrofes de 'Intimations ode':

Then gaze I at the merrymaking crew,
And smile a moment and a moment sigh
Thinking; Why can I not rejoice with you? ⁵

Para além disso, 'gay birds sing', 'all sound are music' e 'Everything/ Around me free and sunny and at ease' lembram a busca wordsworthiana da unidade espiritual com os objectos da natureza como defesa contra a mortalidade. No entanto, o sujeito de C. Rossetti rejeita o desejo de libertação e a unidade contemplativa com a natureza, alcançada em Wordsworth, para se autoafirmar alienado e só: 'that one only thing/ I hold to use or waste, to keep or give/ My sole possession every day I live/.

C. Rossetti como que subverte a união wordsworthiana mente/natureza — a alienação terrena poderá então apenas ser superada num estado de perfeição existencial permanentemente projectado pela autora na eternidade:

I hope to see these things again,
But not as once in dreams by night;
To see them with my very sight,
And touch and handle and attain:
To have all Heaven beneath my feet ⁶.

⁴ ROSSETTI, C. — *Seek and Find: A Double Series of Short Studies of the Benedicite*, London, Society for Promoting Christian Knowledge, 1879, 203.

⁵ ROSSETTI, C. — 2, 123.

⁶ ROSSETTI, C. — 1, 222.

Entre alguns dos poemas de C. Rossetti e a poesia de Keats estabelece-se uma das mais evidentes relações de sedução e poder. Em boa parte da produção da autora se reflectem o estilo, as preocupações temáticas e a sensualidade imagética, bem como a dramaticidade de alguns dos poemas de Keats. Dos três volumes da produção poética de C. Rossetti publicados entre 1862 e 1881 ressalta o poder sedutor que a idealização Keatsiana do amor exerceu sobre a autora. Como em ‘Endymion’ e ‘The Eve of St Agnes’, as figuras-amantes em C. Rossetti são os sonhadores incapazes de distinguir a fantasia da realidade ou, como Lycius em ‘Lamia’ ou o cavaleiro de ‘La Belle Dame Sans Merci’, são também as vítimas atraídoas por aqueles a quem dedicaram o seu amor. Mais uma vez, contudo, C. Rossetti inverte a referencialidade romântica, *eros* é transformado em *agape*, e a experiência da paixão humana é projectada e realizada numa fase existencial sempre distanciada da vida terrena: ‘Love is all in all; — no more that better part/Purchased, but at the cost of all things here’ (2.106).

As componentes caracteristicamente pertencentes ao ideal keatsiano do amor — paixão e desejo — são em C. Rossetti expostas num plano ideal e ilusório (‘tired/Of longing and desire... Dreams not worth dreaming’) sempre associados a um sentido incomensurável de perda, desencanto, traição e morte:

Thus only in a dream we are at one,
 Thus only in a dream we give and take
 The faith that maketh rich who take or give;
 If thus to sleep is sweeter than to wake,
 To die were surely sweeter than to live⁷.

É curioso verificar que, um pouco à semelhança da persona Keatsiana em ‘Ode to a Nightingale’, se bem que com objectivos distintos, as presumíveis vozes femininas na poesia de C. Rossetti se entregam quase invariavelmente à morte. Como afirma Keats — ‘half in love with easeful death’. O desejo da morte pelo segundo sujeito de ‘Three Nuns’ por exemplo surge como expectativa de recompensa pela resistência às tentações do amor terreno: ‘Oh sweet is death’. Também o sujeito de ‘Two

⁷ ROSSETTI, C. — 2, 87-8.

Parted', um atraído amante incapaz de distinguir o sonho da realidade, busca uma última certeza na morte:

All night I dream you love me well,
All day I dream that you are cold:
Which is the dream?
....
Know all the gladness or the pain
Pass into the dreamless tomb

Encontramos pois uma frequente apropriação temática e estilística de Keats, como é o caso ainda de 'The Heart Knoweth Its own Bitterness' ou da recorrência dos enquadramentos de outono. Se por um lado tal facto demonstra uma reavaliação quase obsessiva do ideal keatsiano do amor, por outro lado C. Rossetti acentua também o seu repúdio pela efemeridade e inconsistência de *eros*. No soneto dedicado a Keats está bem evidente o contraste entre a promessa vã — 'sweet leaves' — e a dura realidade traduzida pela rima interna e também dura do verbos de conclusão: 'His earth is but sweet leaves that fall and rot'.

Até certo ponto pois, 'Autumn' de C. Rossetti responde à ode de Keats:

Go chilly Autumn,
Come O Winter cold;
Let the green things die away
Into common mould.

Birth follows hard on death,
Life on withering:
Hasten, we shall come the sooner
Back to pleasant spring⁸.

Muitas outras conexões intertextuais poderiam levar a poesia de C. Rossetti a participar activamente noutros sentidos e momentos poéticos. Como afirma Mikahail Bakhtin em *The Dialogic Imagination*:

The living utterance, having taken meaning and shape at a particular historical moment in a socially specific environment,

⁸ ROSSETTI, C. — 3, 301.

cannot fail to brush up against thousands of living dialogic threads, woven by socio-ideologic consciousness around the given object of an utterance; it cannot fail to become an active participant in social dialogue.

O pequeno percurso que realizámos demonstrou contudo que, independentemente de quaisquer outras conclusões, a poesia de C. Rossetti entra deliberadamente no sistema do pre-texto romântico para o subverter ou transfigurar. Estabelece-se pois uma relação de poder entre um sistema de valores ou tradição (estética, moral, sociopolítica e até linguística) e um outro que integra essa apropriação no projecto de uma contra-cultura.

Esta tensão atinge de uma forma mais abrangente outras expressões poéticas vitorianas. Os ecos de *Hamlet* em *Maud* de Tennyson, ou de Keats em *Empedocles on Etna* de M Arnold mostram que os vitorianos questionam a(s) composição ideológica da sua própria cultura com a sentido de redireccionar os valores sociais, religiosos, económicos, políticos e estéticos que as enformam. Como consequência fica o restauro de sentidos e/ou o reposicionamento dos valores vitorianos em novos contextos.

A questionação da hegemonia vitoriana é assim muitas vezes feita de dentro do seu próprio sistema: Dante Gabriel Rossetti, por exemplo, como que reescreve Keats, Shelley, Ruskin ou Browning; para além disso, a obra de C. Rossetti dialoga ainda com a de Elizabeth Barrett Browning, por exemplo, em questões como o papel da mulher e da mãe na cultura vitoriana. Tal é o caso da relação entre poemas como «The Iniquity of the Fathers», «An Apple-Gathering», «The Convent Threshold» e mesmo «Goblin Market» e a descrição da figura de Marian Erle em «Aurora Leigh» de E. B. Browning.

O mesmo diálogo se poderia pois estabelecer entre 'Eve' de C. Rossetti e 'A Drama of Exile' de E. B. Browning. Aí, como entre alguns dos sonetos de 'Monna Innominata' e os 'Sonnets from the Portuguese' se estabelecem, se bem que de formas distintas, ligações temáticas, em especial a idealização a figura da mãe e da maternidade como reduto de poder.

A detecção de mecanismos intertextuais na poesia de C. Rossetti permite pois perceber as complexas questões ideológicas que operam na sua poesia, possibilitando igualmente uma tomada de consciência dos sistemas de valores culturais que a rodearam. É do espaço resultante da tensão ou relação de poder entre os textos que se ergue uma contra-cultura: sendo

criadora, C. Rossetti é simultaneamente a interlocutora que retoma mas reescreve as tradições culturais. Como Thais Morgan afirma:

As a structural analysis of texts in relation to the larger system of signifying practices... in culture, intertextuality seems by definition to deliver critics from old controversies over the psychology of individual authors and readers, the tracing of literary origins, and the relative value of imitation or originality. By shifting... attention from the triangle of author/work/tradition to that of text/discourse/culture, intertextuality replaces the evolutionary model of literary history with a structural or synchronic model of literature as sign system. The most salient effect of this strategic change is to free the literary text from psychological, sociological, and historical determinisms, opening it up to an apparently infinite play of relationships with other texts⁹.

É também nesta perspectiva que Isobel Armstrong oferece uma das mais recentes 'releituras' da poesia vitoriana. Em *Victorian Poetry: Poetry, Poetics and Politics* ela designa a atitude estética vitoriana de 'moderna' na medida em que se sabe pertencente a uma condição de crise directamente decorrente de uma forte mudança económica e cultural. É o acto de definição de uma consciência contemporânea que, em si mesmo, historia o moderno. É que, a poesia vitoriana surge num período de deslocação e redefinição das relações que se estabelecem no seio da própria representação: entre o eu e a sociedade, o eu e o trabalho, o eu e a linguagem e, acima de tudo, o eu e o amor.

É aqui também que a apropriação traduzida em múltiplas relações intertextuais entra como desejo de criar novos conteúdos, fazendo do acto da representação um foco de permanente ansiedade. A ruptura de sentidos, presente na colisão de textos e nos espaços abertos pelos mecanismos processuais da intertextualidade faz com que o projecto do poeta vitoriano, e de Christina Rossetti muito em especial, seja o de tentar/re/equacionar as relações entre o eu e o mundo e, como diria Isobel Armstrong, essa é sem dúvida uma atitude íntima e irreversivelmente pertencente a uma representação pós-teológica e pós-kantiana do mundo.

O conflito entre duas referências, dois valores e dois sentidos que a intertextualidade muitas vezes institui torna-se assim um princípio organi-

⁹ MORGAN, Thais — *Is there an intertext in this Text? Literary and Interdisciplinary Approaches to Intertextuality*, «American Journal of Semiotics», 1985, 3, p. 1-40.

zador e o poema passa também a encenar relações de poder entre propostas poéticas por vezes opostas. Veja-se um excerto de 'The World' (1857), um poema onde C. Rossetti subverte alguma da imagética keatsiana de 'To Autumn', por exemplo, oferecendo então um retrato alienado do mundo pelos olhos de uma mulher:

By day she woos me, soft, exceeding fair:
But all night as the moon so changeth she;
Loathsome and foul with hideous leprosy
And subtle serpents gliding in her hair.
By day she woos me to the outer air,
But thr'o the night, a beast she grins at me,
A very monster void of love and prayer.
By day she stands a lie: by night she stands
In all the naked horror of the truth
With pushing horns and clawed and clutching hands.
Is this a friend indeed; that I should sell
My soul to her, give her my life and youth,
Till my feet, cloven too, take hold on hell?

Maria João Pires